

# NUNCA MAIS

Adaptação em prosa, das traduções de Machado de Assis,  
Fernando Pessoa e Marcia Heloisa,  
do poema “O Corvo” de Edgard Allan Poe (1809-1849)

Newton Reginato  
Procurador de Justiça (aposentado) do MPSP

A morte traz consigo uma saudade sombria após jazer, num frio esquife, um grande amor que partiu prematuramente sem qualquer esperança; e quando essa fatalidade sobrevém como um surpreendente animal sinistro e voraz, os caminhos não são caminhos, os dias não são dias, e as noites não são noites: são uma coisa só, um tempo só, um tormento só, uma sina amaldiçoada que envolve nossa alma numa tempestade enegrecida pela dor, fazendo-nos definhar, alucinar, enlouquecer.

Lembro-me bem ..., foi aqui!

Era meia-noite de um dezembro frio, neste ermo afastado, rústico e sem cultivo onde se acha a minha morada, uma edificação secular tão ancestral quanto os pesados volumes de antigas doutrinas que leio e releio silenciosamente para esquecer, em vão, aquela a quem amei e que o destino de mim arrebatou. Foi aqui que tudo aconteceu.

Seu nome? Somente eu e as hostes celestiais sabemos, e que entre os vivos ele não será pronunciado mais. Aliás, depois daquela noite fatídica, assim têm sido todas as noites, sempre atravessando as madrugadas neste estado nostálgico, doloroso e lúgubre, até ser dominado por um sono incontrollável, assemelhado ao efeito de um poderoso narcótico, que por fim me subjuga e entorpece o meu espírito. E foi naquela noite de dezembro, lembro-me, envolto em tristes recordações, quando eu já quase

adormecia hipnotizado pelo extinguir de um fogo moribundo que projetava sombras estranhas dançantes a minha volta, que ouvi, atormentado e impregnado por estranho terror, um bater contínuo, aqui e ali, nos umbrais desta minha morada, como se alguém estivesse me chamando e querendo anunciar-se, imaginando eu, num lapso de alucinação, que poderia ser “ela”; mas voltando à mim, erguendo-me cambaleante e assustado, julguei ser uma visita ansiosa, e buscando infundir-me de coragem suficiente para atender ao chamado, disse à mim mesmo, nervosa e continuamente para fortalecer-me, que devia ser uma pessoa conhecida em tardia visitação, uma visita impaciente que batia insistente nos meus portais e nada mais.

Dirigi-me à porta com brevidade, justificando em voz audível a minha demora em atender, e ao abri-la somente me deparei com a profunda escuridão da noite, igual negro fosso sepulcral, cujo silêncio era quebrado, vez ou outra, por um vento sussurrante que um nome dizia e repetia, como assim me parecia: *Lenora ... Lenora ... Lenora ...*

Pondo-me cabisbaixo e julgando-me insano, fechei meus olhos, pois era apenas o vento, um vento gélido e sussurrante que batia nos meus umbrais para devolver-me ao desalento, já que tudo não passara de um mau sonho e nada mais.

Fechando a porta, retornei ao meu assento na câmara dos meus pensamentos para deixar-me estar e voltar a recordar daquela a quem perdi; foi quando tornei a ouvir, agora vindo da janela, discretas batidas como que insistindo em me chamar.

Levantei-me sôfrego e pensativo; seguramente havia alguma coisa ou alguém nela batendo caso não fosse obra do vento, nada mais. Escancarando-a, dominado pela

ansiedade e ao fazê-lo, eis que um nobre corvo, ave negra, antiga e digna dos tempos imemoriais, sem fazer mesuras ou despender cortesias, adentra e pousa sobre o busto de Pallas Atena em rígida postura a olhar-me do alto dos meus portais.

Sua entrada abrupta e o seu porte altivo distraiu-me, confesso, despojando-me, por um instante, da angustiosa tristeza sentida, e admirando-o sorri indagando-o de pronto diante de tão inusitada visita:

– Quem sois, ave sinistra, escura e empertigada, que das plagas noturnas umbrosas, sem medo e confiante, com ares senhoriais, vens a descoberto pedir-me entrada e adentra os meus portais? Como te chamas, em verdade, na imensidão da noite, ser de asas sombrias, egresso de terras infernais? És senhor ou senhora? Diga-me?! Corvo ou quimera? Fala-me?! Diz o teu nome!

Sucinto e preciso, sem desviar os seus olhos dos meus, o negro pássaro respondeu-me serena e claramente sem movimentar-se, grasnando, altivamente, sem vacilar:

– “Nunca mais”.

Quando atinei que o pássaro me entendia fiquei atônito, porque jamais havia imaginado ou visto coisa igual. Como era possível uma ave negra e sombria, vagante pela imensidão da noite, após evocar ingresso e adentrar os meus domínios, pousar irreverente no busto de Atena, deusa da sabedoria, como se sua eleita ou mestra ela fosse, e, ao ouvir uma pergunta inopinada minha, respondê-la prontamente apresentando-se com um nome sem igual?

– “Nunca mais” – murmurei. Uma verdade contumaz! – considerei. Meus amigos, todos mortais, já se foram, como, também, os meus entes ancestrais e a senhora dos meus sonhos sem iguais; e tu, ave ímpar, amanhã irás partir,

eu sei, ao romper da aurora, atravessando os meus portais, porque já tive visitas tais!

– “Nunca mais” – retrucou-me ele sem mover pluma.

Estremeci com o seu entendimento e a pronta repetição serena do detestável refrão, certamente fruto de um miserável e implacável destino, epitáfio de uma esperança perdida, exata e precisa, e dentre todos o maior dos vaticínios. E estarecido, atribuindo-lhe enigmática sabedoria, sentei-me à sua frente pondo-me a admirá-lo no seu porte grave, grotesco e sisudo, decidido a com ele dialogar e, através dele, desvendar o segredo das três sílabas fatais daquele pavoroso bordão de um poema macabro, dito e redito por ele à mim, agora considerado um pássaro do medo por seus agouros.

Apoiando minha cabeça na almofada violácea, aquela mesma onde a minha amada apoiou e não apoiará jamais, e caindo em devaneio meditando sobre o significado do insólito refrão grasnado por aquela estranha ave que atravessara os meus umbrais, senti um peso no ar, como se inebriantes odores de incenso emanassem de turíbulo meneados por anjos divinais, doce entorpecente à mim enviado por um Deus benevolente, certamente, para aplacar minhas dores devorando saudades imortais, e de Lenora eu não lembrar mais. Mas a sinistra e negra criatura, lançando seu olhar ardente como que lido meus pensamentos tivesse, concisa e precisa tornou a falar:

– “Nunca mais”.

Quedei em angustiante dúvida. Era-me impossível crer que um ser tão vulgar, tão comum perante a rude natureza e em visita tão insólita, pudesse entender-me, sentir meus ais, e comigo falar. Convencido de estar diante de uma fabulação misteriosa e tocado nos meus doentios sentimentos agora acrescidos de obscura curiosidade, ousei

indagar-lhe como se personagem de um inusitado conto eu fosse:

– Responda-me, então, ave ou demônio, profeta ou emissário medonho, náufrago sobrevivido de uma procela infernal e por suas ondas aqui trazido, onde a ânsia, o horror e o medo fazem morada sem igual: encontrarei neste mundo algum balsamo aliviador dos meus ais, para de Lenora eu não lembrar mais?

E com sua constante frialdade, sem demover o seu olhar do meu, assim ele me respondeu:

– “Nunca mais”.

– Maldita resposta lancinante – sussurrei –; adversa aos meus almejos – murmurei –; decreto torturante duramente lavrado contra mim, alma sofrida em busca de luz nos caminhos incertos das trevas da solidão, e assim proferido porque vi-me condenado ao despojo abrupto, não querido, da minha primeira e única paixão, que durante toda vida somente os seus olhos e os seus cabelos negros, os de Lenora de corpo virginal, com seu sorriso sem igual, coroou – bradei.

Subjugado por um silêncio doentio e suportando um peso desalentador n'alma, carregando nas entranhas um misto de ódio voltado àquele invasor sombrio e de autocompaixão para comigo mesmo, olhei fixamente para aquela ave assustadora de ar espectral exibindo-lhe minha face contorcida diante de tão angustiosa desilusão, para, com desprezo suplicante, voltar a reindagá-la:

– Profeta medonho ou ave demônio, ou que quer que sejas, escuta e atende, nestes retiros sepulcrais, esta alma que chora em segredo enlutada a virgem que hoje nos céus se encontra e que os anjos seu nome clamam com vozes celestiais; diga-me derradeiramente se no Éden da outra vida, mistério sabido mas sondado jamais, se esta alma em

penúria, com regozijada ternura, verá um dia aquela cujo nome sei e agora sabes, tal como sabem as hostes angelicais?

Repetitivo e frio, sereno e inamovível sobre o busto da deusa que encima os meus portais, olhando-me impávido e fixo com os seus olhos negros infernais, agora de modo irreduzível e peremptório como se um juiz supremo e severíssimo das esferas abismais ele fosse, assim decretou o corvo grasnando como se decisão outra não houvesse e nenhuma outra fosse proferida mais:

– “Nunca mais ... nunca mais ... nunca mais”.

Lançado tão tenebroso veredicto, após observar-me caído e em prantos diante de uma realidade que a imaginação ou sonho não poderão substituir jamais, aquele ser alado funesto, altivo e escuro, que a descoberto e com ares senhoriais, imperturbável e sem medo, que antes atravessara os meus portais, irreverente e sem mesuras retornou às sombras da noite para não retornar mais, deixando-me amargar, nas profundezas da minha alma inconformada e em alucinante loucura, a certeza de que Lenora, de corpo virginal com os seus olhos, cabelos e sorriso sem iguais, eu não iria ver jamais, nunca mais.

---